



SOFRIMENTO, ESPERANÇA E ACOLHIMENTO

**REFUGIADOS DA SÍRIA
CONTAM SUAS HISTÓRIAS**

**AMNESTY
INTERNATIONAL**



A Anistia Internacional se encontrou com refugiados da Síria no Líbano, Jordânia e Iraque. Eles contam das perdas, incertezas, privações, esperanças e sonhos. Estas são suas histórias.

Nadia, como tantos outros refugiados da Síria entrevistados pela Anistia Internacional, sonha com um futuro melhor para ela e principalmente para o seu filho adolescente. Ela é um dos 4 milhões de refugiados² que escaparam da Síria devido ao contínuo conflito brutal que já causou a morte de mais de 190.000 pessoas³ e destruiu lares, famílias, existências e qualquer senso normal de vida. O seu filho é agora uma das 1.7 milhões de crianças refugiadas⁴ da Síria sob risco de se tornarem uma “geração perdida”⁵. Ele, como tantos outros refugiados jovens, tem dificuldades em atender aulas e vive em condições difíceis. “A escola é muito longe. Meu filho vai de ônibus. As vezes não tenho nem dinheiro para ele poder pegar o ônibus, então ele fica em casa. Somos muito pobres. Muitas vezes não temos nada para comer,” disse Nadia à Anistia Internacional.

Enquanto o número de pessoas desabrigadas pelo conflito de quatro anos é enorme, este não reflete o impacto que o conflito está tendo nas pessoas afetadas por ele. Por detrás de cada número há um rosto, um nome, uma pessoa que tem vivenciado uma profunda experiência de perda e tem a esperança de um futuro melhor.

Este relatório destaca as histórias de oito famílias e indivíduos da Síria que escaparam do conflito. Estas foram baseadas em entrevistas realizadas pela

Anistia Internacional no Líbano, Jordânia e Iraque⁶, entre outubro e dezembro de 2014. Enquanto as histórias foram resumidas para tornar-las mais acessíveis ao leitor, os eventos recontados e declarados são contados com as próprias palavras dos entrevistados. Devido a extrema vulnerabilidade e duras condições de vida, os refugiados entrevistados neste relatório precisarão ser realocados para um outro país mais seguro, fora das imediações da região.⁷

Yara, uma mulher síria com quatro crianças que procurou refúgio no Líbano, disse à Anistia Internacional: “A condição de saúde do meu filho está se deteriorando e eu realmente gostaria de tratá-lo. A ONU me indicou para reassentamento, mas eu não sei se vou ser realocada.”

A Agência para refugiados da ONU (UNHCR) avalia que 378.684 refugiados da Síria, que estão nos cinco principais países receptores (Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito), precisam de reassentamento devido a vulnerabilidades específicas tais como necessidades médicas, sexualidade, gênero e deficiência.⁸ É por isso que a Anistia Internacional está conclamando por uma onda de reassentamento global para realocar 380.000 refugiados sírios, dos cinco principais países receptores, até o final de 2016. Isto seria em torno de 10% do total da população de refugiados sírios naqueles países sendo reassentados fora da região.



Para alguns destes refugiados, a vulnerabilidade e a necessidade de reassentamento surge de uma condição médica séria ou deficiência que não pode ser tratada onde eles estão. Outros enfrentam abusos, algumas vezes resultados de sua sexualidade ou por ser uma mulher sem um marido. Alguns passaram pela experiência de extrema violência, prisões, encarceramento e tortura na Síria e não estão aptos a acessar os cuidados que precisam.

Para refugiados em um estado vulnerável, estar apto a começar uma vida em outro país pode ter um enorme impacto, dando-lhes uma vitalidade e uma chance de um futuro de paz. No entanto, esta oportunidade depende dos países mais ricos darem um passo à frente e abrirem suas portas, dando boas-vindas aos refugiados sírios. Isto pode ser feito tanto através de planos de reassentamento



como também fornecendo outras maneiras de admissão, incluindo lugares de admissão humanitária, reunificação familiar, oportunidades de patrocínio e vistos (por motivos de simplificação, estes serão coletivamente referidos como “realocação”).

Em suas próprias palavras, os refugiados aqui descrevem suas experiências pré conflito na Síria, a ampliação da crise, as suas trajetórias aos países vizinhos e seus desafios como refugiados. Muitos falam de suas esperanças e sonhos de um futuro seguro.

Para os entrevistados, o motivo primário para a fuga da Síria foi o medo de que eles e suas famílias fossem feridos ou mortos. Eles testemunharam bombardeios aleatórios, invasões de casas, lares destruídos e pessoas feridas ou mortas. Além do medo por sua própria segurança,

país descreveram o desejo de proteger seus filhos da violência e de assegurar que eles tenham um bom futuro longe do conflito.

Nadia, que tem um filho de 14 anos de idade, contou à Anistia Internacional: “Ouvi que eles estavam sequestrando crianças e violentando mulheres. Eu estava com muito medo. O som das bombas assustava o meu filho... Estava com medo pelo meu filho, então eu o peguei e vim para a Jordânia.”

Ao conseguirem escapar da Síria, refugiados descrevem suas vidas no Líbano, Jordânia e Iraque, incluindo as extremas privações e desafios diários que eles enfrentam. Para refugiados como Qasim, as necessidades médicas dele e as necessidades de sua família tem sido a principal preocupação. Tanto ele quanto sua filha possuem uma condição

Acima: Não há acampamentos próprios para refugiados sírios no Líbano. O acampamento informal de tendas de Freij em Bekaa Valley é um dos mais de 1.400 acampamento no país.

Capa: Pessoas carregam os seus pertences em um campo de refugiados após atravessarem da Síria para a Turquia, setembro de 2014.
© Carsten Koall/Getty Images



chamada elefantíase, uma doença com “manifestações estigmatizantes e que clinicamente causam deficiência”.⁹ “Minha filha, agora com 14 anos, tem o mesmo problema. Durante o último Ramadan, ela foi levada ao médico em uma ONG local e descobrimos que tem elefantíase. Não temos como bancar o tratamento e este não está disponível na região.” Qasim é um dos mais de 53.000 refugiados palestinos no Líbano¹⁰ que fugiram da Síria.

Mariam, que possui três crianças e fugiu para a Jordânia, disse à Anistia Internacional que “na Síria você fica com medo de ser violentada, ser presa, ser assassinada e aqui eu tenho medo pelas minhas filhas. Se você ficar doente ou cair, ninguém aqui irá lhe ajudar. Tenho dificuldade em comprar coisas para as minhas filhas.” Para as mães solteiras Yara, Nadia e Mariam manterem suas famílias é uma luta contínua. As mulheres com as quais a Anistia Internacional conversou enfrentam abusos na rua, como Yara que relatou as experiências dela no Líbano:

“Eu queria matricular meu filho (7 anos) na escola. Ele estava insistindo para eu matriculá-lo. Enquanto eu estava indo [para o lugar onde matriculá-lo na escola], alguns homens, alguns com armas, me cercaram e me intimidaram e eu me senti muito amedrontada.” Outros refugiados, como Hamood, tem enfrentado intimidações nas ruas e abusos por ser gay: “Recebemos ameaças nas ruas todos os dias. Algumas vezes esperamos até o anoitecer [para sair]. Estamos viciados em chuva, pois as ruas ficam desertas.”

Algumas das famílias e indivíduos também conversaram sobre a opressiva pobreza, a falta de trabalho e a incerteza da vida de um refugiado. Todos tem esperança e sonhos de um futuro melhor. No entanto, sem um significativo aumento no número de vagas para reassentamento disponíveis para refugiados, muitos refugiados em estado vulnerável irão continuar a enfrentar privações. No momento, a comunidade internacional tem feito muito pouco. No total, somente 79.180 vagas para reassentamento foram oferecidas globalmente por países ricos,¹¹ um quinto do que é necessário.

Estas vagas iriam somente ajudar 2.1% dos 3.8 milhões de refugiados sírios vivendo na Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito. Excluindo a Alemanha, os restantes 27 países da União Européia oferecem 9.114 vagas que somam somente 0.24% dos refugiados sírios nos principais países receptores. Os seis países do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) não ofereceram nenhuma vaga.¹²

Com a continuação do conflito, a situação dos refugiados se deteriora ainda mais. A Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e o Egito estão, entre eles, acomodando 95% do total da população de refugiados da Síria.¹³ Em diversos níveis, isto tem um significativo impacto econômico nestes países e tem sobrecarregado as suas infra-estruturas.¹⁴ Todos os cinco países tem imposto restrições à entrada de pessoas fugindo do conflito na Síria, deixando dezenas de milhares, senão mais, presos no conflito.¹⁵ No mais, uma escassez de financiamento humanitário para a região em 2014 deixou muitos refugiados lutando para sobreviver na medida em que a ajuda financeira e a assistência foram reduzidas.¹⁶



Em dezembro de 2014, a ONU lançou um apelo, por US\$5.5 bilhões necessários em 2015, para fornecer assistência humanitária aos refugiados e comunidades receptoras vulneráveis na região.¹⁷

Neste contexto, é essencial que a comunidade internacional faça um esforço para reassentar um grande número de refugiados fora da região que circunda a Síria.

Nunca foi tão urgente conclamar os líderes dos países mais ricos do mundo a abrir seus corações e braços ao mais vulneráveis refugiados sírios e fornecer-lhes um futuro seguro e de paz.

Da esquerda para a direita: O campo de refugiados de Zaatari, noroeste da Jordânia, que é o lar de mais de 80.000 refugiados da Síria, novembro de 2014; O acampamento de Darashakran, um dos oito campos de refugiados da Síria na região do Curdistão iraquiano, dezembro de 2013; Dentro de uma tenda no campo de refugiados em Darashakran, dezembro de 2013.

O QUE É REASSENTAMENTO E PORQUE ELE É IMPORTANTE?


Reassentamento¹⁸ é a realocação de refugiados vulneráveis de países de onde eles inicialmente foram acolhidos para um terceiro país seguro, onde eles possam recomeçar suas vidas com dignidade. O reassentamento beneficia refugiados que estão sofrendo certas privações e vulnerabilidades. O reassentamento também alivia algumas das pressões nos países receptores com grandes números de refugiados.

Após a Segunda Guerra Mundial foi antecipado que, em tempos de movimento populacional em massa, a cooperação internacional seria crucial. Este conceito de divisão de pressão e responsabilidade internacional foi claramente delimitado em 1951 pela Convenção de Refugiados.¹⁹

A ACNUR inicialmente identifica refugiados vulneráveis para reassentamento de acordo com um critério pré determinado. Aqueles com

sérias necessidades médicas ou deficiências, riscos de segurança, sobreviventes de tortura/violência, mulheres e meninas sob risco, crianças e adolescentes sob risco e lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais estão entre aqueles que tem prioridade para reassentamento. Uma vez que os refugiados tenham sido identificados pela ONU, os seus casos são apresentados aos países de reassentamento que então irão tomar uma decisão. Caso aceitos, estes governos ativamente tornam possível o transporte seguro de refugiados do país e os ajudam a se integrar nos seus novos países.

Além da coordenação de reassentamento da ACNUR, a Anistia Internacional encoraja outros meios seguros de realocação de refugiados, incluindo programas de admissão tais como programas de admissão humanitária, reunificação de famílias e patrocínios na medida em que eles garantam os direitos dos refugiados.

A close-up photograph of a woman wearing a black niqab, with only her eyes visible through a narrow slit. She is looking directly at the camera with a somber expression. In the lower right foreground, a young child with dark hair and a green t-shirt is looking down and slightly to the side. The background is out of focus, showing vertical lines that could be window blinds.

“Descobri que meu marido havia sido morto. Ninguém me disse, eu descobri pelo YouTube...”

YARA (23) COM 4 CRIANÇAS,

MAHDI (7), MARIAM (6),

MOHAMED (3), MUTANAMA (2).

Yara vem de Dayr al-Zor no leste da Síria e vive sozinha com seus quatro filhos pequenos. Ela contou à Anistia Internacional que o marido havia morrido na prisão, fato que ela descobriu em um vídeo no YouTube. O seu filho de dois anos, Mutamana, tem uma abertura em sua coluna pela qual um líquido vaza para o cérebro dele. Desde que eles se mudaram para o Líbano em outubro de 2012, a saúde dele tem se deteriorado. Quando ela tentou matricular outro de seus filhos na escola, ela foi cercada por homens que a ameaçaram. Yara e seus filhos tem se mudado muito devido aos aluguéis que ela não consegue pagar, constantes abusos e ameaças que ela enfrenta da família por se recusar a se casar novamente.

Yara: Meu marido foi preso pelas autoridades sírias na fronteira [Líbano/Síria]. Eu não tinha a quem recorrer e as pessoas estavam sendo mortas pelos bombardeios e massacres então nós [a família dela] fugimos.

Eu descobri que o meu marido havia sido morto. Ninguém me disse. Eu descobri pelo YouTube que meu marido estava detido em uma prisão [na Síria]. Ele foi morto na prisão e depois eles jogaram o seu corpo fora e os rebeldes mostraram o vídeo no YouTube. Eu assisti ao vídeo mostrando a foto dele após ele ter sido morto. Um dos xeiques [líderes religiosos] me disse que meu marido havia morrido e me mostrou a carteira de identidade dele. Após isso, as pessoas que enterraram o seu corpo entraram em contato comigo: “Seu marido foi morto. Venha receber o corpo dele.” Mas nós não conseguimos ir até onde ele estava. Então, estas mesmas pessoas o enterraram.

Eu tenho me mudado bastante no Líbano. Eu não consigo pagar o aluguel. Eu não posso viver com os meus parentes porque eles tem uma casa muito pequena e três famílias já vivem [na casa]...[Minha família] acredita que eu deva me casar novamente, pois uma mulher não deveria ficar solteira...eles me seguem até a mesquita e batem em mim e dizem que não é apropriado para uma mulher viver sozinha... [Mas] meu filho está muito doente e eu [sempre] tenho de levá-lo ao hospital. O médico [disse] que ele não pode viver em uma casa superlotada ou ele pegará doenças dos outros.

Mutanama [filho de dois anos] tem uma abertura em sua coluna desde [o nascimento] e ele tem um aparelho em sua cabeça. Quando eles realizaram a operação na coluna ele tinha três anos somente. Eles colocaram um aparelho na cabeça dele porque devido a abertura ele tem água [que consequentemente] iria para o cérebro dele e o aparelho drena a água. Ele tem um sistema imunológico fraco.

Tudo é cheio de dificuldades como um refugiado, especialmente vivendo aqui no Líbano é muito difícil. Muitas pessoas dizem coisas ruins sobre mim e me abusam. Eu costumava trabalhar na biblioteca do xeique. Eu peguei um táxi e pedi ao motorista para me levar a Airport Road. Ele me levou a Khaldi Road. Ele começou a me intimidar e me ofereceu dinheiro e me perguntou se eu ficaria com ele e me tornaria sua companheira. Eu queria me jogar do carro [quando] chegamos a um ponto de verificação.

Queria matricular meu filho [de sete anos] na escola. Ele insistia para ser

matriculado. Enquanto eu estava andando [para o lugar onde faria a matrícula], alguns homens, alguns com armas, me cercaram e me intimidaram e eu estava muito assustada.

A situação de saúde do meu filho está se deteriorando e gostaria muito de tratar dele. A ONU nos indicou para reassentamento mas eu não sei se eu seria realocada. Eu não tenho ninguém que me ajude com as crianças, não tenho ninguém que me ajude com o aluguel. É uma vida difícil, eu quase não consigo controlar.

[Pergunta-se às crianças da Yara: “O que vocês gostam de fazer?”]

Mariam: Eu gosto de brincar com meus amigos.

Mahdi: Eu gosto de ir à praia. Eu só não quero voltar à Síria, não há mar [onde eu vivo] na Síria.

Yara: Eles acabaram de ver o mar pela primeira vez. Eles quase nunca saem então eles se sentem bem presos como em uma prisão, então eles vieram para cá e viram o mar, eles queriam passar o dia lá.





“Eu só quero que minhas crianças sejam educadas e que Elias seja curado.”

MAHER (35), HOUDA (30), ELIAS (12), IBRAHIM (9), YUSRA (3).

Maher, Houda e sua família deixaram a Síria e tem vivido no campo de refugiado em Qushtapa, na região do Curdistão iraquiano desde agosto de 2013. Elias, seu filho de 12 anos, foi diagnosticado com câncer em 2012 e eles tem lutado para encontrar tratamento para ele em meio ao conflito. O hospital foi atingido enquanto Houda estava lá dentro com Elias. Quando o cabelo do Elias caiu em decorrência do tratamento contra o câncer, Maher raspou também seu próprio cabelo para que Elias não “soubesse que a queda fosse resultado da medição.” Eles queriam ser realocados para que seu filho pudesse ter acesso ao tratamento e seus outros filhos pudessem ir a escola.

Maher: Viemos todos juntos para o campo de refugiados em Qushtapa. Faz um ano e quatro meses. Eu fui embora por causa da guerra e por causa da falta de opções de sobrevivência. Meu filho tem câncer. Ele estava tendo tratamento em Damasco. Foi muito difícil conseguir o tratamento pois o hospital onde meu filho estava recebendo o tratamento era em um outro bairro. Era uma área problemática, então toda vez que eu costumava levar meu filho para receber tratamento havia atiradores e tiroteios. Era muito perigoso mas tínhamos que ir pelo meu filho. Elias tem câncer no pâncreas e a cada três semanas tínhamos de levá-lo para receber tratamento.

Maher: Quando ele estava sendo tratado, o cabelo dele caiu e eu raspei a minha cabeça também para que ele não soubesse que era por causa da medicação. Quando estávamos voltando de Qamishly para Damasco, um Jabhat al-Nusra [grupo armado] parou o nosso ônibus e queria me punir porque eu havia raspado a minha cabeça e eu tive de explicar.

Houda: Toda vez que eu levei o Elias ao hospital eu vi muito conflito. Havia um tiroteio intenso com balas atingindo o hospital. Eu liguei para o meu marido e disse: “Escuta, eu estou com muito medo.” Ele estava do lado de fora do hospital e o médico veio e disse: “Senhoras, fiquem do lado de fora no corredor pois as salas tem janelas”. Começamos a chorar e gritar e fomos atingidos por duas bombas. O teto do segundo andar caiu. Todos os vidros quebraram.

Maher: ...Quando eu ouvi o bombardeio eu corri para cima para tentar pegá-la. Um dos tetos estava aberto com um enorme buraco. Eu não retirei meu filho, eu não sai. Eu fiquei lá porque ele precisa receber o tratamento e porque os médicos ficaram também. Quando os médicos ficaram, todos nós ficamos.

O bombardeio ainda continua. Realmente detestávamos as nossas vidas. Uma vez que saímos do hospital e pegamos os medicamentos [para Elias] nós fomos embora. A vida é muito difícil aqui porque precisamos de médicos e medicação para Elias. Temos sofrido muito para conseguir tratamento para ele. Antes de deixarmos a Síria, ele fazia o teste de medula óssea a cada três meses e depois a cada seis meses. Ele já está aqui faz um ano e quatros meses e ele ainda não fez o teste. Eles disseram que não iriam tirar mais nenhum raio-x e deveríamos levá-lo a um hospital particular...Para o meu filho não há ajuda, nenhuma assistência.

Eu estou muito feliz que vamos ser realocados para a Europa porque o tratamento lá é muito melhor. É possível se sentir como um ser humano por lá.

Houda: Eu só quero que meus filhos tenham educação e que o Elias seja curado.

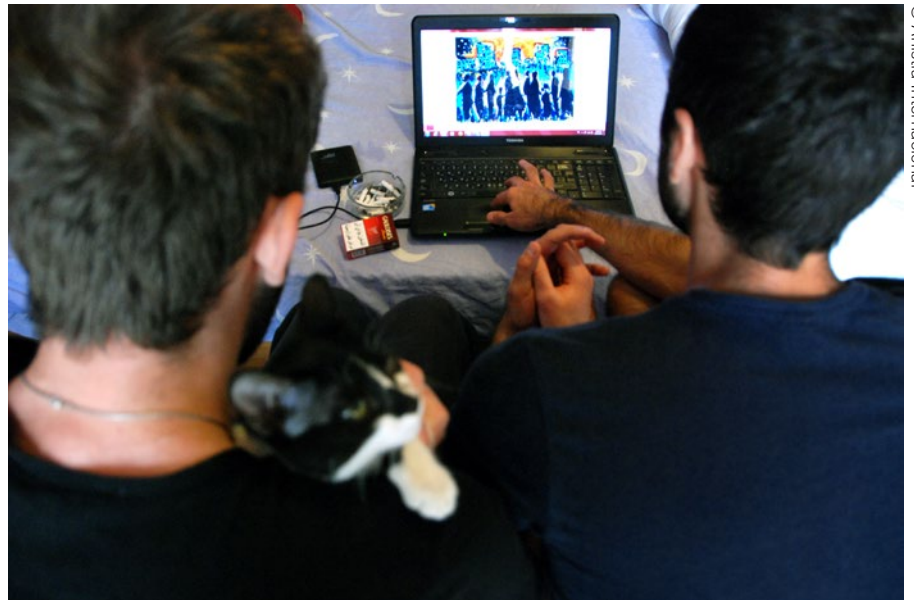
JAMAL (27) E SAID (21).

Jamal e Said são um casal gay e ambos são jornalistas. Eles foram presos e encarcerados na Síria devido às suas atividades políticas. Eles chegaram ao Líbano em 2014. Jamal tem HIV. Ele tem dificuldades em financiar a medicação e tentou cometer suicídio quando descobriu o quanto custariam os medicamentos. Ele tem um gato chamado Piqa que ele adora. Eles vivem em Beirute e ganham o suficiente somente para cobrir os custos com aluguel e alimentação. Jamal e Said esperam ser realocados para que ambos possam terminar a universidade e serem “membros mais produtivos da sociedade”.

Said: Nos conhecemos em uma bar e [descobrimos] que ambos trabalhávamos em mídia e tínhamos interesses em trabalhar com política, então nos encontramos várias vezes e então começamos a sair juntos. O relacionamento não era público, somente para os amigos mais íntimos. O nosso relacionamento é parte da razão pela qual deixamos a Síria. Éramos ameaçados por mais de um partido político. Estávamos em um partido de oposição e tínhamos uma campanha durante as eleições contra o presidente sendo eleito. Todos sabem que nós somos membros deste partido e trabalhamos no escritório de mídia. Eu costumava organizar os protestos.

Jamal: Eu recebi ameaças pelo Facebook porque eu costumava desenhar vários quadrinhos e caricaturas contra o regime. Eu fui preso por dois meses e após ser liberado eu descobri que eles haviam invadido a minha conta no Facebook e tentado apagar os meus desenhos... Quando eu vim para o Líbano, todo o meu arquivo que eu tinha na minha casa foi jogado fora, então eu só fiquei com as cópias eletrônicas.

[O gato do Jamal pula pela sala] Eu amo gatos; eu os adoro. Eu costumava ter um na Síria chamado Piqey e este aqui se chama Piqa.



Said: Eu nunca falo sobre o meu período de detenção [um para o outro]... Eles amarraram as minhas mãos e me penduraram [do] teto e me torturaram com choques elétricos. Havia uma cela e você podia ver pela porta da sala a outra sala, onde um outro prisioneiro estava sendo torturado. [Os outros prisioneiros tinham] que ficar olhando como a outra pessoa estava sendo torturada. Se eles fechassem os olhos ou desviassem o olhar eles seriam espancados. Eles usavam facas para nos ferir [mostra as cicatrizes no ombro dele].

“Eu gostaria de continuar a minha educação, me sentir seguro e estável para poder viver a minha vida. Jamal e eu nunca nos imaginamos sentados e sem fazer nada porque somos muito ativos, tanto no trabalho que fazíamos como jornalistas como na sociedade civil.”

Jamal: Eu sou HIV positivo e estávamos em uma sala muito pequena, em torno de 100 pessoas detidas todas juntas. Quando um novo detido chegava, ele ficava em pé por um longo período [devido a superlotação]. Quando eu cheguei, fiquei em torno de 10 horas em pé. Você via adolescentes na mesma sala [que eles] e algumas pessoas com deficiências mentais, outros tinham levado tiros nas pernas e braços.

Na prisão, a minha saúde se deteriorou. No canto, havia um pequeno banheiro que todos usávamos e também [tínhamos] chuveiros com água fria. Eu estava doente e desmaiei algumas vezes. Quando eu fiquei bem doente eu disse para eles que era HIV positivo, pensando que eles iriam trazer um médico, algum medicamento ou antibióticos, ou que eles [talvez] me libertassem. Mas eles me enviaram para um confinamento solitário, pois eles estavam com medo que eu espalhasse a minha doença [rindo da reação deles]. Eu fui libertado após dois meses.

[Após a minha libertação] um médico viu que [minha saúde] estava se deteriorando e pediu testes. Ele [disse] que eu deveria começar o tratamento imediatamente. Me disseram que [os medicamentos] custariam em torno de US\$600 por mês e eu não tinha esse dinheiro. Eu tive um colapso nervoso e tentei me suicidar. O que eu mais tenho medo é de não ter um lugar para morar e no mais não ter como bancar a medicação.

Said: Escrevemos algumas matérias sobre a Síria como jornalistas autônomos. Gostaria de continuar a minha educação, me sentir seguro e estável para poder viver a minha vida. Jamal e eu nunca poderíamos nos imaginar sentados sem fazer nada porque somos muito ativos, tanto no trabalho que fazíamos como jornalistas quanto na sociedade civil. Por isso, quando primeiro viemos para o Líbano, começamos a procurar trabalho para que pudéssemos ser membros produtivos da sociedade.

QASIM (34).

Qasim é um refugiado palestino do campo Dera'a no sul da Síria. Ele chegou ao Líbano em dezembro de 2013, após a sua casa de família ter sido destruída em um bombardeio aéreo. Ele tem uma filha e um filho e sua esposa está grávida. Eles vivem em um campo de refugiados. Qasim tem um doença chamada elefantíase e não está apto a encontrar um tratamento correto. Ele está preocupado com a filha que também tem a doença. Antes da crise, ele foi operado na Jordânia, mas um erro foi feito e agora ele corre o risco de ter as pernas amputadas. Qasim estava extremamente perturbado ao conversar com a Anistia Internacional e chorou várias vezes devido a preocupação com a filha.

“A cada tratamento eu estou esperando a morte. Eu realmente não me importo se não for tratado mas eu quero que a minha filha receba tratamento.”

Qasim: Eu tenho uma filha e um filho e minha esposa está grávida. Vivemos em uma casa no acampamento Burj Barajneh [um acampamento montado no sul de Beirute em 1948 para refugiados palestinos]. Antes de viver em Burj Barajneh, passamos um mês em um depósito em Burj Hammoud [uma vizinhança de Beirute] mas havia muitos ratos, então viemos para Burj Barajneh e encontramos uma casa.

Eu tenho uma doença chamada elefantíase. É quando os nódulos linfáticos ficam bloqueados. Eu tenho sofrido desta doença há 17 anos...Eu tomei medicamentos na Síria e passei por três operações.

No verão passado, o regime veio e houve bombardeios aéreos onde vivíamos.



Quando os bombardeios começaram, comecei a ter problemas com os meus ouvidos e tive uma fratura no crânio. A minha casa foi destruída, mas a minha família e eu conseguimos fugir. É por isso que viemos para o Líbano.

A minha perna começou a ficar maior e se eu não receber tratamento [vai ficar pior]. A minha filha, agora com 14 anos, tem o mesmo problema. Durante o último Ramadã, a minha filha foi levada a uma ONG local para ver um médico e descobrimos que ela

tem elefantíase. Não podemos financiar o tratamento e este não é fornecido na região. Eu tive uma operação na Jordânia e eles cometeram erros. Agora eu corro o risco de ter as minhas pernas amputadas.

A ONU não pode me ajudar. Em cada tratamento, eu espero morrer. Eu realmente não me importo se eu não for tratado, mas eu quero que minha filha receba tratamento.

Jarahieh, um acampamento informal para refugiados da Síria no Vale Bekaa, Líbano. Muitos refugiado no Líbano vivem em acomodações inadequadas, incluindo casas sem móveis, apartamentos super populosos e assentamentos informais, setembro de 2014





NADIA (47).

Nadia é uma mulher da cidade de Homs que vive com o seu filho de 14 anos de idade. Ela deixou a Síria por causa do conflito e pelo medo do futuro de seu filho. O marido dela morreu há anos e um irmão que a ajudava também está morto. Ela chegou à Jordânia em agosto de 2011, mas achou o país muito caro. Ela contou à Anistia Internacional que algumas vezes eles não tem nada para comer e não conseguem custear a eletricidade. Ela quer que o filho seja educado e o encoraja a estudar. Nadia não sabe como ela irá aguentar após maio de 2015, pois está preocupada com o pagamento do aluguel. Ela gostaria de ser realocada para que seu filho tenha um “bom futuro” e “iria a qualquer país que estiver aberto”.

Nadia: Saímos de Homs por causa do conflito. Não é seguro por lá. Eu não podia mandar meu filho ir à escola. Eu ouvi que eles sequestravam crianças e violentavam mulheres. Estava com muito medo. O barulho das bombas assustava o meu filho... Eu tinha medo pelo meu filho, então eu o peguei e vim para a Jordânia. Eu vim sozinha [o marido dela faleceu há dez anos], somente eu e meu filho. Meu irmão estava trabalhando na Jordânia e me ajudou a vir [para a Jordânia], mas ele morreu de câncer.

A vida na Síria era linda. Tínhamos uma bela casa. Tudo era bem luxuoso, diferente daqui. Eu trouxe este tapete [cobrindo o chão do quarto dela] de uma mesquita [na Jordânia]. Eu aluguei esta casa já mobiliada. Caso tenha de

sair agora, eu iria somente levar as minhas roupas e as roupas do meu filho e ir embora. É muito caro viver aqui, diferente da Síria. Não consigo nem pagar a eletricidade. Temos pouca qualidade de vida. A escola é longe. Meu filho vai de ônibus. Algumas vezes eu não tenho dinheiro nem para ele pegar o ônibus, então ele fica em casa. Somos muito pobres. Algumas vezes não temos nada para comer. Às vezes, o meu vizinho me pede para cozinhar para ele e me dá dinheiro. Às vezes o meu filho vai até a mesquita e eles dão um pouco de dinheiro para ele.

“Eu quero ir para um lugar onde eu não tenha de viver de doações. Eu estou chorando pela minha vida antiga, onde eu tinha dignidade. Eu tenho de mendigar todo o tempo [começa a chorar]. Eu quero partir pelo futuro do meu filho.”

Desejo muito ir para um outro país porque eles irão me ajudar com o futuro do meu filho. Irei para qualquer lugar. Gostaria de ir a um lugar onde eu não irei depender somente de doações. Eu estou chorando pela minha vida antiga, onde eu tinha dignidade. Eu tenho de mendigar o tempo

todo [começa a chorar]. Eu quero partir pelo futuro do meu filho. Ele não tem amigos, não tem vida.

O meu lar já se foi. Toda Homs já se foi. Aqui eu não cozinho... Você conhece quibe [prato com trigo árabe/burghul, cebolas e cordeiro] e charutos de folha de uva? Eu costumava cozinhar para os professores lá. Eles costumavam vir e me davam dinheiro por comida.

Nossos corpos e mentes estão cansados. A minha única esperança é a de sair com o meu filho. Espero que ele tenha um bom futuro [Nadia começa a chorar]. Eu sempre digo a ele para estudar e aprender inglês bem por causa do futuro. Estou cansada de pensar. As vezes eu não consigo respirar quando penso em como seguir com a minha vida. Espero sair daqui. Ninguém bate a minha porta, ninguém pergunta por mim. Esta é a minha última vida. Eu só fico pensando o que vai acontecer comigo depois de maio, de onde vou tirar dinheiro?

Eu lhes imploro [a sociedade internacional], eu beijarei suas mãos se vocês me ajudarem a sair daqui. Meu filho precisa de botas para o inverno, mas eu preciso de dinheiro para o gás. Eu fico dizendo a ele para ser paciente e talvez um dia ele terá o que quer. Ele gosta de me ajudar, mas ele é muito novo. Eu não comprei nenhuma roupa para ele para o Eid [feriado islâmico] e ele não me pediu. Ele sabe que não temos dinheiro.

Eu irei para qualquer país que me aceitar.





“Estamos vivendo uma vida desesperada e sabemos que não podemos voltar para a Síria. Aqui estamos morrendo e lá [na Síria] estamos morrendo de outra forma. Não queremos sofrer mais.”

MARIAM (48).

Mariam é do subúrbio de Damasco, a capital da Síria. Ela tem três filhos, incluindo dois adolescentes gêmeos (um menino e uma menina). Ela veio para a Jordânia com suas duas filhas em setembro de 2012. Ela vive com a família que acolheu a ela e suas duas filhas após elas não poderem mais pagar o aluguel. Elas dormem juntas em uma sala. Mariam teve de deixar seu filho viver nas ruas, pois não foi permitido que ele ficasse na casa. Desde a separação, ambos gêmeos já tentaram suicídio. Ela e suas filhas estão muito desconfortáveis vivendo em uma casa com um homem que não é da família (o chefe da casa da família que as acolheu) e Mariam está tendo dificuldades em se adaptar. Mariam contou a Anistia Internacional que ela quer deixar sua “vida desesperada” e ser realocada.

Mariam: Eu tenho três filhos – gêmeos que tem 19 anos [um menino e uma menina] e uma menina de sete anos.

Eu costumava alugar uma casa, mas o dono a quis [de volta] pois eu estava com o aluguel atrasado. Eu estava pedindo abrigo e a mulher aqui sabia da minha situação e que eu teria de deixar a minha casa. Ela disse que eu poderia vir e ajudar ela na casa e viver de graça [em troca de cuidar da filha de cinco anos dela que é deficiente], mas somente com as minhas filhas, não meu filho.

Eu e minhas filhas dormimos na sala. A família entra por uma entrada e nós

entramos por outra. À noite, ficamos na sala. Não podemos nos movimentar com liberdade pela casa pois [a mulher cuja casa nós ficamos tem um] marido aqui. Não sentimos que podemos ir ao banheiro. Não podemos nem trocar as nossas roupas sozinhas na sala. Temos de ficar juntas porque não somos livres. Até a minha filha mais nova, se o homem estiver aqui ela não brinca. Não estamos muito confortáveis aqui.

Na Síria, você tem medo de ser violentada, ser presa, ser morta e aqui eu tenho medo por minhas filhas. Caso você fique doente ou caia, ninguém irá lhe ajudar aqui. Eu estou com dificuldades em comprar coisas pra as minhas filhas. Eu não escolheria a Jordânia. É sabido que a Jordânia é o país mais caro da região, então é muito difícil viver aqui. É difícil uma mulher vivendo sem um homem. E eu? Eu estou sozinha. Eu não tenho uma renda.

Eu tive problemas de coluna [que tem piorado desde que ela começou a carregar a criança com deficiência]. Eu peguei dinheiro emprestado da mulher com quem eu vivo para o médico. O médico diz que eu preciso de uma operação, mas eu não posso pagar. Eu paguei a minha dívida, mas agora não tenho nada. Meu passaporte está [retido] com a mulher, até quando eu pagar a dívida.

A minha filha tentou cometer suicídio. Ela não podia estudar, teve de pegar dinheiro emprestado, teve de me ajudar e estava ajudando a mulher da casa, então ela tentou cometer suicídio. Ela cortou os pulsos com uma caneta. Não era muito afiada. Não foi muito profundo o corte,

então eu a ajudei. Eu disse para ela ser paciente. Meu filho veio para a Jordânia depois de mim.

Ele viu muitas coisas, por isso ele ficou nervoso. Ele bateu nas irmãs. Ele também tentou me bater algumas vezes mas eu o impedi. Ele também tentou cometer suicídio.

A minha principal preocupação é com meus filhos. Meu filho esta com medo. Não é permitido que ele trabalhe. Se ele trabalhar, eles [as autoridades jordanianas] irão levá-lo.

Eu estou registrada com a ONU e espero que minha família e eu possamos partir para outro país. Estamos vivendo uma vida desesperadora e sabemos que não podemos voltar para a Síria. Aqui estamos morrendo e lá [Síria] estamos morrendo de maneiras diferentes. Não queremos mais sofrer. Não podemos comer aquilo que queremos ou dormir quando queremos.

[Mariam posa para a foto olhando o horizonte. Quando a Anistia Internacional faz um comentário e diz que ela se parecesse com uma estrela de cinema ela responde: “Eu estou procurando por esperança, mesmo que seja longe.” Suas filhas a chamam, “Mamma ya mama” e ela responde: “Eu estou ocupada, hoje eu sou uma estrela de cinema”.]

HAMOOD (21).

Hamood é um jovem rapaz gay de Dera'a na Síria e está lutando para sobreviver na Jordânia onde ele chegou em março de 2013. Ele deixou a Síria por medo de ser ameaçado por certos grupos armados porque ele é gay. Ele disse à Anistia Internacional que enquanto estava na Jordânia o seu irmão tentou matá-lo e ele foi abusado sexualmente por seis homens. Ele se sente discriminado e não pode trabalhar devido às restrições na Jordânia. Ele foi entrevistado para realocação e espera poder ir para um novo país, encontrar um parceiro e ser ele mesmo em público.

Hamood: A guerra na Síria me fez escapar para a Jordânia. Quando o Jabhat al-Nusra e outros grupos armados estavam presentes, eu tive de deixar o meu país. Ninguém sabe que eu sou gay, exceto os meus amigos.

Eu vivo sozinho. Após deixarmos [Hamood e sua família] o acampamento de refugiados Za'atari (o maior campo de refugiados da Jordânia), nos separamos. Eu não os vi [desde então]. Eu tenho problemas com o meu irmão porque ele sabe que sou gay então eu fui embora. Ele me ameaçou e tentou me matar.

Eu gostaria de voltar para a Síria pois será mais fácil e misericordioso do que na Jordânia. O governo aqui é contra ser gay. Era melhor ser gay na Síria. Sinto uma pressão maior aqui. Estou atrasado com o aluguel. Eu supostamente teria cupons para comida, mas a minha família é quem recebe, não eu.

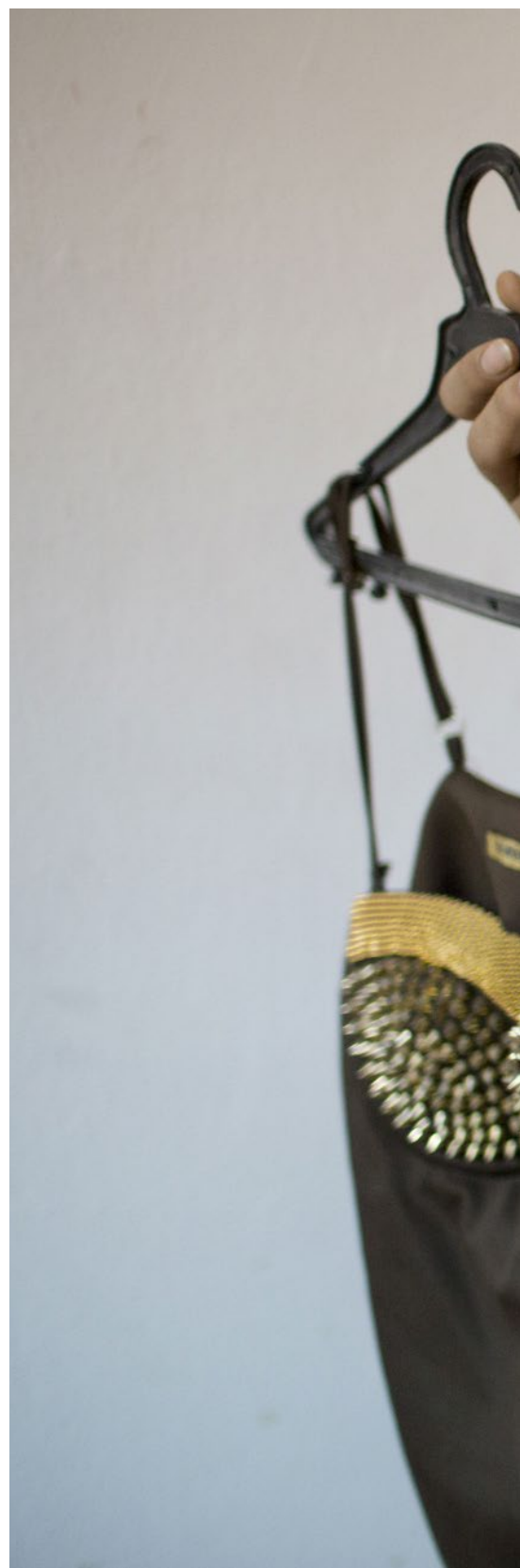
Não nos é permitido trabalhar. Eu fui procurar trabalho faz alguns dias e eles disseram: "Sírios, não, não, não." Eu disse: "Porquê? Você acha que eu vou envenenar a sua comida?" As vezes eu troco sexo por comida. Eu encontro pessoas através de um site na internet. Eu vou até eles se tiverem um lugar. É como eu sobrevivo e eu quase não consigo esconder. Honestamente, tudo que eu tenho na mente é voltar para a Síria, mas na Síria só há morte.

[Eu fui levado] a uma casa [por um homem] e outros seis amigos dele quiseram fazer sexo comigo e eles me forçaram. Claro que não podia denunciar, pois eu seria enviado de volta à Síria. Isto aconteceu faz uns seis ou sete meses. Eu não disse a ninguém, porque eu ainda tenho medo. Eu não sei como estou dizendo isso agora.

Eu gosto de me vestir [com roupas de mulher]. É o que eu faço no meu tempo livre. Eu não posso fazê-lo na rua. Eu vou te mostrar uma foto de um casal gay se casando. Foi [aqui] na Jordânia. Entramos como homens e, uma vez lá dentro, nos trocamos.

Meu amigo trabalha em um salão de cabeleireiro. Você deveria ver quando andamos juntos na rua. Recebemos muitos insultos [de passantes] e mesmo a polícia não tem modos quando fala com a gente. Eles dizem: "Se Deus nos desse o poder", o que significa que se eles tivessem poder sobre nós, seríamos todos executados. [Normalmente] Eu ignoro. Recebemos ameaças nas ruas todos os dias. Algumas vezes esperamos até o anoitecer [para sair]. Somos viciados em chuva porque as ruas ficam desertas. Durante o verão, eu saio uma ou duas vezes durante todo o período. É muito difícil.

É sabido que os países árabes não aceitam refugiados sírios. Eu fiz entrevistas [para realocação] para ir para a Europa. Se eu for, eu renascerei. Eu vou me considerar tendo uma vida. Tudo aquilo que vejo na internet, como eu vejo pessoas gays vivendo a vidas delas [é como eu quero viver a minha]. Me arrumar, passar maquiagem e sair às ruas sem problemas, isto seria um sonho. Se eu fizer isso por um dia e então eu morrer, estaria feliz.





*“Me arrumar, passar maquiagem
e sair às ruas sem problemas,
isto seria um sonho.”*



“...foi anunciado da mesquita que a água havia sido envenenada pelo regime. Naquela noite os aviões começaram a bombardear também. Eu não aguentava mais. Não por mim, mas pelos meus filhos.”



ALAA (33), DANA (25), HAMAD (7), RAMA (5).

Alaa e Dana vivem com seus dois filhos, Rama e Hamad em um campo de refugiados na região do Curdistão no Iraque. A casa deles em Aleppo, a maior cidade da Síria, foi destruída. Eles decidiram deixá-la após bombardeios aéreos e suspeita de envenenamento de água. Eles querem que o filho Hamad, que tem paralisia cerebral, receba tratamento. Alaa diz que o hospital em Erbil não oferecia ajuda por eles serem Sírios.

Alaa: Chegamos em Erbil em janeiro de 2014 de um acampamento na fronteira. Somos da região de Hasakah [no noroeste da Síria] mas vivíamos em Aleppo. Tínhamos uma casa lá, mas infelizmente ela foi destruída. Eu costumava trabalhar no setor privado, em uma empresa farmacêutica. No começo do conflito, não havia eletricidade ou água. Quando o sol se punha, éramos proibidos de deixar a casa e eu não podia pegar [para as crianças] leite ou nada.

As coisas pioraram. No começo os protestos eram pacíficos, mas então ouvimos explosões e tiros [de balas]. O governo enviou a polícia e o exército. Muitas pessoas morreram e vimos muita destruição. As crianças estavam amedrontadas. Rama estava com muito medo e Hamad acordava e não sabia [o que estava acontecendo]. Com cada bombardeio, o prédio inteiro tremia e os vidros quebravam... Eu vi muitas pessoas feridas. Eu vi muitas pessoas com balas no peito.

Meu trabalho foi encerrado. Eu já não tinha trabalho ou dinheiro.

No final de 2012, por volta do Ramadã, tivemos um anúncio da mesquita de que a água havia sido envenenada pelo regime. Naquela noite, os aviões começaram a bombardear também. Eu não aguentava mais. Não por mim, mas pelos meus filhos. Deixamos o prédio

e vimos muitas outras pessoas sair ao mesmo tempo.

Porque eu estava carregando o Hamad e Dana estava carregando Rama, não levamos muito conosco, a não ser os nossos documentos. Eu pensei que era melhor ir embora. É melhor morrer do lado de fora do que se um prédio cair na sua cabeça.

Eu aluguei uma casa por 20 dias [em outra parte de Aleppo] mas não tínhamos nada. Eu tive de bater nas portas dos outros para pedir coisas. Aqueles 20 dias me fizeram envelhecer 10 anos porque eu tive de trabalhar duro para conseguir coisas para os meus filhos. Não tínhamos nada.

Fomos para Qamishly [cidade no noroeste da Síria]. De Qamishly fomos para Maliki [uma cidade] próxima a fronteira com o Iraque mas o preço de medicamentos [para a condição de Hamad] era muito alto. O regime sírio bombardeou Maliki. Eu não tinha dinheiro e [não havia] escola para as crianças. Foi por isso que eu vim para a região do Curdistão no Iraque. Eu vim direto do campo [de refugiados] em Qushtapa. Não temos a nossa família. Sentimos que somos estranhos.

O maior problema no Iraque é que não há tratamento para a criança. Eu vim para o Curdistão com uma esperança: curar o meu filho ou pelo menos melhorar a saúde dele. Tivemos uma indicação de um hospital em Erbil. Quando eles souberam que éramos sírios, eles não nos ajudaram. Eu não tenho um trabalho e aqui é muito mais caro que na Síria.

Eu estou muito feliz que eles [ACNUR] me disseram que eu irei [ser realocado]. As datas não são específicas.

Meu primeiro sonho é que Hamad... eu quero que ele melhore. Eu sei que as pessoas estão sendo tratadas como humanos [na Europa].

RECOMENDAÇÕES

A realocação oferece aos refugiados a chance de reconstruir suas vidas. É uma solução concreta que pode fazer uma enorme diferença para a vida da maioria dos vulneráveis refugiados do conflito na Síria. Mesmo assim, muitos países que poderiam ajudar os refugiados sírios estão escolhendo não fazê-lo.

A Anistia Internacional está conclamando os países ricos a aumentarem seus esforços e receberem um maior número de refugiados da Síria, tanto agora como em longo prazo.

Em particular, a Anistia Internacional convoca os governos dos países de alta renda na Europa (tais como Reino Unido, França, Espanha, Holanda, Noruega e Dinamarca), as Américas (tais como Canadá, Chile, os Estados Unidos e Uruguai), Países de Cooperação do Golfo (tais como o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos), Ásia-Pacífico

(tais como Austrália, Japão, Nova Zelândia, Coreia do Sul) como também países que possuem meios de realocar refugiados, como o Brasil, para:

- Coletivamente realocar 380.000 refugiados sírios fora dos principais países receptores até o final de 2016;
- Dar oportunidade aos refugiados mais vulneráveis, como crianças desacompanhadas, mulheres e meninas em risco, sobreviventes de tortura, pessoas LGBTI e aqueles em sérias condições médicas. Refugiados palestinos na Síria também devem obter oportunidades de realocação;
- Acelerar os procedimentos de reassentamento para que os refugiados sejam rapidamente realocados.

ENTRE EM AÇÃO

Você pode ajudar os refugiados sírios ao se juntar à campanha da Anistia Internacional, #OpenToSyria. Ao abrirmos nossos corações, mentes e comunidades para os refugiados sírios e convocar os nossos governos a os realocarem, podemos dar a algumas das pessoas mais vulneráveis do mundo a oportunidade de uma vida segura e pacífica.

Para mais informação e para se juntar a campanha #OpenToSyria visite <https://storify.com/amnestyonline/open-to-syria>

NOTAS

1. Para se obter total consentimento para entrevistas e fotos de todos os participantes deste relatório, alguns nomes foram modificados para assegurar que não haja repercussão para as famílias e amigos que ainda estão na Síria.

2. O número de 4 milhões de refugiados é baseado em uma combinação de dados da Agência para Refugiados da ONU (ACNUR), a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA), e o governo da Turquia entre outros. Para mais informações, favor acessar Anistia Internacional, *Left out in the cold: Syrian refugees abandoned by the international community* (Index: MDE 24/047/2014), 5 de dezembro 2014, p.4, disponível em www.amnesty.org/en/library/asset/MDE24/047/2014/en/f9a8340f-d247-4c84-b3b8-ce4e8cbebf0d/mde240472014en.pdf (acessado em 8 janeiro de 2015).

3. ACNUR, *Regional Refugee and Resilience Plan 2015-2016: In response to the Syria Crisis (3RP)*, 18 de dezembro de 2014, disponível em www.3rpsyriacrisis.org/ (acessado em 9 de janeiro de 2015).

4. UNICEF, *Press release: With 15 million children caught up in major conflicts, UNICEF declares 2014 a devastating year for children*, 8 de dezembro de 2014, disponível em www.unicef.org/infobycountry/media_78058.html. Também veja <http://childrenofsyria.info/> (ambos acessados em 9 de janeiro de 2015).

5. UNICEF, *Sustaining the commitment to preventing a lost generation of Syrian children*, 24 de setembro de 2014, disponível www.unicef.org/infobycountry/70207_76025.html. Também veja <http://nolostgeneration.org/> (ambos acessados 12 de janeiro de 2015).

6. Junto com Líbano, Jordânia e Iraque, os outros principais países para refugiados da Síria são Turquia e Egito.

7. Desde o encontro com a Anistia Internacional, alguns refugiados que participaram desse documento foram realocados.

8. UNHCR, *Innovative Solutions Strategies in the Syria Situation, Annual Tripartite Consultations on Resettlement*, Genebra, 25 de junho de 2014.

9. Organização Mundial de Saúde (OMS), *Weekly epidemiological record: Global Programme to Eliminate Lymphatic Filariasis: progress report on mass drug administration, 2010*, 26 de agosto de 2011, disponível em www.who.int/wer/2011/wer8635.pdf?ua=1 (acessado em 16 de janeiro de 2015).

10. UNRWA, disponível em www.unrwa.org/prs-lebanon (acessado em 12 de janeiro de 2015).

11. UNHCR, *Resettlement and Other Forms of Admission for Syrian Refugees*, 9 de janeiro de 2015, disponível em www.unhcr.org/52b2febafc5.html (acessado em 12 de janeiro de 2015).

12. Anistia Internacional, *Left out in the cold: Syrian refugees abandoned by the international community* (Index: MDE 24/047/2014), 5 de dezembro de 2014, disponível em www.amnesty.org/en/library/asset/MDE24/047/2014/en/f9a8340f-d247-4c84-b3b8-ce4e8cbebf0d/mde240472014en.pdf (acessado em 8 de janeiro de 2015).

13. Anistia Internacional, *Left out in the cold: Syrian refugees abandoned by the international community* (Index: MDE 24/047/2014), 5 de dezembro de 2014, disponível em www.amnesty.org/en/library/asset/MDE24/047/2014/en/f9a8340f-d247-4c84-b3b8-ce4e8cbebf0d/mde240472014en.pdf (acessado em 8 de janeiro de 2015).

14. UNHCR, *Regional Refugee and Resilience Plan 2015-2016: In response to the Syria Crisis (3RP)*, 18 de dezembro de 2014, disponível em www.3rpsyriacrisis.org/ (accessed 9 January 2015).

15. Ver exemplos, Anistia Internacional, Lebanon: New entry requirements for Syrians likely to block would-be refugees (Index: MDE 24/002/2015), 6 de janeiro de 2015, disponível em www.amnesty.org/en/library/asset/MDE24/002/2015/en/9b0ffff1-8ef1-4609-ab78-68c5931ddc83/mde240022015en.pdf (acessado em 8 de janeiro de 2015); Amnesty International, Jordan: Children

among Syrian refugees denied entry, 19 de agosto de 2013, disponível em: www.amnesty.org/en/news/jordan-children-among-syrian-refugees-denied-entry-2013-08-19 (acessado em 8 de janeiro de 2015); Amnesty International, Growing restrictions, tough conditions: The plight of those fleeing Syria to Jordan (Index: MDE 16/003/2013), 31 de outubro de 2013, disponível em: www.amnesty.org/en/library/info/MDE16/003/2013 (acessado em 8 de janeiro de 2015); Amnesty International, Surviving to struggle: Refugees from Syria in Turkey (Index: EUR 44/017/2014), 20 de novembro de 2014, disponível em: www.amnesty.org/en/library/info/EUR44/017/2014/en (acessado em 2 de dezembro de 2014); Amnesty International, We cannot live here anymore: Refugees from Syria in Egypt (Index: MDE 12/060/2013), disponível em www.amnesty.org/en/library/asset/MDE12/060/2013/en/a864e9fc-76c5-44ea-ab96-bd9e96843fc2/mde120602013en.pdf (acessado em 12 de janeiro de 2015); IRIN, <http://newirin.irinnews.org/syrian-refugees-restrictions-timeline/> (acessado em 14 de janeiro de 2015).

16. Por exemplo, clínicas de saúde reprodutiva estão sendo fechadas na Jordânia, fonte: Syrian Refugees: Inter-Agency Regional Update, 29 de setembro de 2014; limitações no financiamento tem levado a restrições nos serviços de saúde no Líbano, ver Anistia Internacional, *Agonizing choices: Syrian refugees in need of health care in Lebanon* (Index: MDE 18/001/2014), 21 de maio de 2014, disponível em www.amnesty.org/en/library/info/MDE18/001/2014/en (acessado 8 de janeiro de 2015).

17. A ACNUR, ONU e parceiros pleiteiam US\$8.4 bilhões para o novo programa para a Síria em 2015, 18 de dezembro de 2014, disponível em www.unhcr.org/5492a7bb6.html (acessado em 9 de janeiro de 2015).

18. ACNUR define reassentamento como: “O reassentamento envolve a seleção e transferência de refugiados de um Estado no qual eles procuraram proteção para um terceiro Estado que concordou em recebê-los como refugiados com o status de residência permanente. O status fornecido garante

a proteção contra expulsão e garante ao refugiado realocado e a sua família ou dependentes o acesso a direitos similares àqueles concedidos aos cidadãos. O reassentamento também traz consigo a oportunidade de eventual naturalização no país de reassentamento.” Fonte: UNHCR Resettlement Handbook, disponível em www.unhcr.org/46f7c0ee2.pdf (acessado em 12 de janeiro 2015).

19. O preâmbulo para a Convenção de 1951 em respeito ao Status de Refugiado declara: “Considerando que o benefício de asilo pode ocasionar em pesados fardos para certos países, uma solução satisfatória para o problema, as Nações Unidas reconhece a ramificação internacional e a natureza não podem assim ser atingidos sem uma cooperação internacional.” A importância do reassentamento, um aspecto chave do fardo e responsabilidade divididos, tem sido repetidamente enfatizados pelo Programa do Alto Comissariado (Excom), o corpo governamental da UCNUR; ver UNHCR, *A Thematic Compilation of Executive Committee Conclusions*, pp 471-478, disponível em www.unhcr.org/53b26db69.html (acessado em 12 de janeiro de 2015).

20. Em 2015, países de alta renda são aqueles com PNB per capita (usando o método do Atlas do Banco Mundial) de \$12,746 ou mais. A lista do Banco mundial de países de alta renda pode ser encontrado em: <http://data.worldbank.org/about/country-and-lending-groups> (acessado em 16 janeiro de 2015).



A Anistia Internacional é um movimento global de mais de 7 milhões de pessoas que realiza campanha para que os direitos humanos sejam respeitados e reconhecidos por todos.

A nossa visão é que cada pessoa possa usufruir dos direitos consagrados na Declaração Universal de Direitos Humanos e outros tratados internacionais de direitos humanos.

Somos independentes de qualquer governo, ideologia política, interesse econômico ou religião e somos financeiramente apoiados por nossos membros ou por doações públicas.

ANISTIA.ORG.BR



Amnesty International, International Secretariat,
Peter Benenson House, 1 Easton Street, London
WC1X 0DW, United Kingdom

Index: MDE 24/004/2015, Brazilian Portuguese,
fevereiro de 2015